

LUIZ EDUARDO DE CARVALHO



Bicho - da - seda

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

EMI

MALAS PRONTAS

Emi Watanabe, apesar de sua pouca idade, estava pronta e disposta para a longa jornada bem antes da aurora de seis de agosto de 1945, data escolhida para sua partida daquele mundo mergulhado em caos para uma perspectiva de futuro que a seduzia longe dali. O desenlace do dia, no entanto, revelaria um destino bastante diferente de suas expectativas condicionadas por uma alteração no curso de vida jamais sonhada entre os membros de sua família que, àquelas alturas, já se encontrava a um passo de consolidar a mais profunda mudança que jamais tencionaram realizar: estavam prontos para deixar o Japão. Nenhum deles podia ainda supor, mas as circunstâncias do exílio seriam profundamente alteradas pelos fatos daquela histórica e fatídica manhã.

– E então, terminou de arrumar sua mala? Pegou os tamanhos? Você sabe que sem eles não consegue andar por muito tempo sem ferir ainda mais a sua coluna. Nos lugares para onde estamos indo, não sei onde arrumaríamos outros iguais a estes, feitos em alturas tão diferentes. Dizem que, na América, só há sapatos com solados de couro, como as botas dos soldados. – A bela menina Emi torturava seu irmão único, Takeshi, um ano mais novo do que ela, com aquele excesso de perguntas de ascendência maternal reforçadas pelo fato de o rapazinho ter limitações físicas

advindas de uma acentuada dismetria associada a outras dificuldades motoras limitantes.

A jovem Emi passara a cuidar do caçula, com comprometimento maior do que o de suas pueris brincadeiras de casinha, quando sua mãe Hatsue assumiu os tratos com seus sogros, os idosos avós paternos que pioraram de saúde ao longo dos anos, desde a partida do filho único. O pai de Emi servia como marinheiro nas frentes da Manchúria desde o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa, em mil novecentos e trinta e sete. Nos últimos oito de seus quatorze anos, a menina apenas estivera com ele por algumas horas nas poucas ocasiões em que os passes lhe permitiram voltar ao sítio de meio hectare onde moravam vinte e três familiares do clã Watanabe. Já havia três anos desde o último encontro e mais de cinco meses desde a última carta. A possibilidade de ele estar morto tornava-se preponderante conforme o hiato sem notícias aumentava.

– Pronto, conferi tudo. Você já perguntou mil vezes. E eu já respondi. Sim, eu peguei meus dois pares de tamancos e tudo o mais. – Respondeu o contrariado Takeshi que dependia de seus calçados especiais para compensar os passos mal constituídos pela diferença do comprimento de suas pernas, um dentre os muitos defeitos congênitos que o fragilizavam ainda mais diante de uma vida tão oprimida pelas naturais dificuldades do momento histórico.

Se dependesse de seu juízo e vontade, não iria a lugar nenhum. Gostava de morar no campo, onde os horrores da guerra estavam longe de expor suas mais sangrentas cenas de mortes e mutilações e apresentavam-se apenas como notícias vindas de

territórios distantes. Mesmo que ali chegassem convocações de adolescentes cada vez mais jovens para os fronts do Pacífico, o alistamento obrigatório jamais o incorporaria devido a suas limitações físicas. Além de uma perna bem mais curta do que a outra, o menino tinha os membros superiores distintamente atrofiados, o direito recurvado para dentro e o esquerdo para fora e terminado em uma mão formada com imperfeição, contando com três dedos miniaturizados e com o anelar e o polegar preservados, o que ao menos lhe preservava o tão importante movimento de pinça e que lhe rendeu o apelido dado pelas outras crianças da aldeia: Kani, que em japonês significa caranguejo. Kani Watanabe era como o chamavam fora dos domínios do clã, pelas alamedas do pequeno povoado agrícola à beira do Biwa.

Os recursos para a partida dos Watanabe eram suficientes e o plano parecia tão bem urdido que as chances reais de sucesso abasteciam de esperanças a todos, o que acrescentava determinante ânimo para transcender as dificuldades que de certo enfrentariam. A guerra mundial agonizava com a rendição de Hitler em Berlim no começo de maio. O Japão persistia sozinho nos últimos três meses. Sem a ajuda dos aliados do eixo, todavia, não resistiria por muito tempo às forças americanas que, então, concentravam o esforço bélico no Pacífico. A família estava resoluta a deixar o país antes do embate final, a fim de resgatarem a liberdade de seus destinos longe e a salvo das determinações do Imperador que condenava os desertores.

– Nós não devíamos partir assim. Deveríamos esperar meu filho Naruto voltar. Quem garante que as lagartas chegarão vivas

ao destino? Não gosto de deixá-las ir na mão das crianças. Estão conosco há séculos. Não me agrada nos separarmos. Deveríamos ir todos juntos na mesma embarcação. Eu não entendo. – O velho senhor Kurama Watanabe, avô paterno de Emi e Takeshi, ainda não se dava por vencido diante da decisão do restante dos familiares.

Apesar de sua soberana condição de patriarca, o impiedoso coro das mulheres, como ele chamava as lamúrias da esposa Mahina, da nora Hatsue e da neta Emi, acabaram por persuadi-lo. Na verdade, os Watanabe não tinham muitas alternativas e ele sabia. Depois do espólio da guerra, suas terras, ele imaginava, ficariam direta ou indiretamente ocupadas pelos chineses ou pelos americanos. Empreender uma viagem transoceânica e sem a estimativa de um destino certo, tampouco sem a menor perspectiva de retorno, naquelas condições impostas pela circunstância era, no entanto, um drama que Kurama não queria ver somado aos tantos que a vida já lhe impusera desde que ele próprio fora dado como inválido após ter uma perna mutilada em um episódio a bordo do mesmo navio em que seu filho Naruto servia como oficial.

Segundo o minucioso planejamento para a viagem, Emi partiria na dianteira, com Takeshi. Dias depois, Kurama, Mahina e Hatsue embarcariam. Todos atravessariam o oceano rumo à costa chilena e, por conta disso, estavam alojados por um tempo em Hiroshima, centro chave para a navegação naqueles dias de mares habitados por todo tipo de beligerâncias. De lá, partiriam em um pesqueiro clandestino, com dupla bandeira e falsos registros em dois portos: Hiroshima e Manila, vagas clandestinas bastante limitadas e inflacionadas. Com ele, seguiram até a Nova Zelândia

e, dali, para Valparaíso no Chile a bordo de um cargueiro grego que transportava refugiados a preços módicos e condições precárias, na verdade, as únicas disponíveis. A mãe e os idosos avós pegariam o mesmo pesqueiro quando retornasse a Hiroshima com os porões repletos do contrabando que abastecia, a partir do mercado negro, a penúria japonesa daqueles dias.

O futuro anunciava-se bastante diverso do sonho imperial que levou o país à guerra contra a China em mil novecentos e trinta e sete, com a anexação da Manchúria e da península coreana. As aguardadas restrições que uma rendição imporiam ao Japão tornariam os dias ainda mais desonrados pelo fardo da derrota. Muitos queriam partir e os Watanabe, graças aos antigos contatos nos portos onde embarcavam sua seda e à riqueza acumulada por gerações, conseguiram acessar essa rota segura para fora daquele nebuloso futuro.

BONSAI HUMANA

No interior escuro do quarto transitório em um refúgio à beira do canal de Hiroshima, onde o trio de ancestrais ficaria à espera do embarque contratado, ouviam-se pelas treliças as vozes de Hatsue e Emi despedindo-se, enquanto Takeshi terminava de conferir as plantas e as gaiolas de lagartas do bicho-da-seda no pequeno átrio mal iluminado do improvisado albergue para refugiados a caminho do mar.

– Eu sei que estou pedindo muito para a minha menina. Você está com medo? – Hatsue rompeu o silêncio das aflições sustentado pelas atribulações que envolveram mãe e filha nos dias anteriores, desde o momento em que conseguiram assegurar seus lugares no trem que levou a família ao litoral sudeste da ilha e, conseqüentemente, àquele momento de despedidas.

– Se eu disser que não sinto medo, minto, mamãe. Mas não se preocupe comigo. A senhora é a única que sabe, o medo sempre me acendeu uma força interna que não sei de onde brota! Cuide-se, a senhora tem muito a fazer nos próximos dias por aqui e principalmente depois, ao longo da grande travessia, até que estejamos juntas mais uma vez no Chile. O seu fardo de cuidar do vovô Kurama e da vovó Mahina é bem mais pesado do que o meu com Takeshi. – Respondeu a amorosa filha na

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2024.
